

27 Agosto, 2026

O nosso compromisso em construir uma organização onde todas as pessoas se sentem seguras

pelo Presidente Internacional da MSF, Javid Abdelmoneim

Ao longo dos últimos sete anos, a Médicos Sem Fronteiras (MSF) tem publicado os [números anuais em relatórios sobre abuso e comportamento inapropriado](#) na nossa organização. Os dados mais recentes contam uma história importante, mas difícil. Tal como em anos anteriores, o número de queixas continuou a aumentar. Isto pode significar que as pessoas estão mais conscientes dos nossos sistemas de denúncia e que se sentem mais confiantes em apresentar queixas, mas também evidencia a dimensão do trabalho que ainda temos pela frente para prevenir e tratar o abuso na nossa organização.

Entre os casos mais graves que enfrentámos no ano passado, estavam os ocorridos no Leste do Chade. Investigações que concluímos em junho de 2025, após alertas divulgados nos órgãos de comunicação social, constataram graves abusos e condutas impróprias envolvendo pessoas que trabalham para a MSF, incluindo exploração, abuso e assédio sexual.

A nossa análise envolveu 16 investigadores que trabalharam durante oito meses para examinar 59 queixas relativas a funcionários e a outras pessoas, como fornecedores, com ligação à MSF. Nos casos em que conseguimos comprovar graves comportamentos inapropriados e identificar os responsáveis, foram tomadas medidas. Dezoito funcionários foram despedidos e proibidos permanentemente de trabalhar com a MSF.

Acima de tudo, quero reconhecer os danos causados aos pacientes e aos colegas que sofreram abuso. Como Presidente Internacional da MSF, sinto uma profunda responsabilidade e pesar por termos falhado em manter as pessoas protegidas. A exploração, abuso e assédio sexual são completamente incompatíveis com os princípios, valores e compromissos de salvaguarda da MSF. Quando ocorrem, representam uma grave quebra de confiança e podem ter consequências devastadoras para sobreviventes, comunidades e para os nossos colegas.

Sendo descendente de sudaneses, e com familiares que fugiram da guerra no Sudão, o que aconteceu no Leste do Chade também me afeta pessoalmente. Mulheres que já tinham sobrevivido à horrível violência no Sudão e que procuraram segurança no Chade tinham todo o direito de esperar dignidade, respeito e segurança por parte da

MSF. Entre as pessoas afetadas estavam também nossas colegas mulheres. Isto é inaceitável e nunca deveria ter acontecido.

As nossas investigações identificaram importantes deficiências nas medidas de proteção que tínhamos em vigor. À medida que as nossas equipas se expandiam rapidamente para dar resposta a centenas de milhares de pessoas chegadas do Sudão, não garantimos de forma consistente que todo o *staff* compreendeu e cumpria os nossos compromissos de conduta, nem avaliámos e mitigámos sistematicamente os riscos nas salvaguardas. Devíamos ter feito mais para garantir que pacientes, membros das comunidades e *staff* sabiam como denunciar abusos de forma segura e confidencial.

Devemos também reconhecer que o apoio que providenciámos aos sobreviventes que conseguimos identificar foi limitado, além do apoio médico e psicológico.

Existem barreiras consideráveis que impedem sobreviventes de abuso de acederem a apoio, dentro e fora da MSF, e estes obstáculos podem ser ainda mais acentuados nos locais onde trabalhamos. Sobreviventes podem enfrentar estigma e consequências significativas ao denunciarem abuso; serviços adequados e centrados em quem sobreviveu podem ser limitados, de difícil acesso ou pouco conhecidos ou fiáveis; e as mulheres, em particular, podem enfrentar limitações práticas, incluindo as responsabilidades de cuidadoras, que dificultam a procura ou a receção de apoio. Isto torna ainda mais importante o trabalho de prevenção e a procura ativa pela deteção de casos de abuso antes de o dano ser causado.

Apesar destes desafios, eram necessários maiores esforços para interagir proactivamente com sobreviventes, compreender as necessidades e as preferências individuais de cada pessoa e identificar as formas de assistência adequadas, incluindo apoio para além daquele que a MSF poderia prestar diretamente.

As conclusões que tirámos levaram-nos a instaurar mudanças importantes no Leste do Chade. Reforçámos os processos de recrutamento, de integração e formação, realizámos avaliações de risco em todos os nossos programas, adoptámos medidas para mitigar os riscos identificados, e aumentámos o apoio de salvaguardas disponibilizado às nossas equipas, para que possam identificar e dar resposta aos riscos mais cedo. Também trabalhamos com pacientes, grupos de mulheres e líderes das comunidades para construir consciencialização sobre o que constitui abuso e garantir que as pessoas sabem como reportar as preocupações que tenham.

Para além do Leste do Chade, ao longo do último ano, reforçámos os nossos processos globais de monitorização de forma a impedir que pessoas que cometeram abusos ou tiveram má conduta grave transitem entre projetos da MSF e sejam recontratadas pela organização em outros locais. Estamos igualmente a trabalhar para

melhorar o pacote de apoio que podemos providenciar a sobreviventes. Pode ler mais sobre os acontecimentos no Leste do Chade e a nossa resposta no nosso documento explicativo da investigação feita aos abusos e do reforço na prevenção no Leste do Chade, a que pode aceder [aqui](#).

O que aconteceu no Leste do Chade reflete também desigualdades e desequilíbrios de poder mais amplos que temos a responsabilidade de encarar no seio da MSF. As mulheres enfrentam um maior risco de abuso, particularmente de abuso sexual, enquanto os conflitos, as deslocações populacionais, as privações e a dependência de assistência humanitária podem criar desequilíbrios de poder significativos, os quais podem amplificar ainda mais os riscos de abuso. Estas circunstâncias tornam ainda mais importante garantirmos que as salvaguardas que instauramos, em todos os nossos projetos, são o mais robustas possível.

Não estamos a começar este trabalho do zero. Anos de esforços de equipas em toda a MSF fortaleceram a forma como prevenimos, detetamos e damos resposta a abusos. No entanto, o que aconteceu no Leste do Chade mostra que ainda existem lacunas significativas. Precisamos de fazer progressos mais rapidamente e de forma mais substancial.

Como médico, reconheço que a criação de ambientes seguros para pacientes, comunidades e colegas é fundamental para quem somos enquanto organização médica-humanitária, e para o nosso compromisso médico e ético de não causar danos. Levo esta responsabilidade extremamente a sério.

Cada projeto e cada escritório da MSF tem de ser um local onde as pessoas se sintam seguras, respeitadas e protegidas; onde o abuso não seja tolerado; onde as pessoas são sempre encorajadas e apoiadas a denunciar comportamentos inaceitáveis; e onde as vozes e experiências de quem é mais afetado ajudem a moldar a forma como prevenimos e damos resposta ao abuso. Continuar a fortalecer este trabalho urgente exige atenção, responsabilização e ação de todos os colegas na MSF, todos os dias.